

# **A Implementação da Inteligência Artificial no Jornalismo Impresso em Portugal: uma análise pelas perspetivas de editores e jornalistas**

**Luciana Correia de Lima Lopes**

**Dissertação de Mestrado em Jornalismo**

**Setembro, 2024**

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizada sob a orientação científica de Paulo Nuno Gouveia Vicente.

Para Edna

## **Agradecimentos**

Primeiro agradeço a minha família que me deu suporte e cuidado, especialmente, Roberval Leal Lopes, Ronaldo Lopes, Marie Labrousse, Giulia Lopes Gallo, Emilio Gallo e Gleice Luz. Agradeço imensamente aos amigos que me apoiaram de forma constante: Ana Façanha, Andreia Alves, Cecília Magalhães, Ique Gazzola, Cris Gallert, Gérard Skinner, Maria Elena Gutierrez e Mônica Rochlin. Agradeço também aos amigos que passaram indicações e/ou dicas: Ilana Volcov, Paula Delecave, Paula Erber, Ricardo Rezende, Victor Lemos, entre outros. Agradeço meus amigos no Brasil que sempre me motivaram ou me ajudaram, especialmente Márcia Bianchi, Alexandra Suprani, o grupo das Faladeiras, Myriam Gallagher e André Massafferri. Meus agradecimentos pelos cuidados que recebi de Eileen Worckman, Jorge Veschi e Pedro Furtado. Agradeço a todos os jornalistas que se dispuseram a conversar comigo e foram fundamentais para este trabalho, assim como meu orientador, o professor Paulo Nuno Vicente.

# **A Implementação da Inteligência Artificial no Jornalismo Impresso em Portugal: uma análise pelas perspectivas de editores e jornalistas**

**Luciana Correia de Lima Lopes**

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial, IA, jornalista, ética, preocupação, trabalho, sistemas, novas tecnologias, entrevistas

## **Resumo**

Os sistemas de inteligência artificial estão sendo implementados nas redações em Portugal, levando os jornalistas a observar transformações em suas práticas de trabalho. Atualmente, o uso da IA é mais individual do que organizacional, embora algumas redações já estejam desenvolvendo ferramentas próprias. Essa nova tecnologia gera mais preocupação do que entusiasmo, mesmo que os jornalistas reconheçam tanto vantagens quanto desvantagens em sua adoção. Treze jornalistas e/ou editores falam de como estão a ver a implementação desses sistemas em seus processos de trabalho e demonstram que a principal preocupação é com a falta de discussão sobre a ética dos sistemas de IA, que pode comprometer o código deontológico da profissão.

## **The Implementation of Artificial Intelligence in Print Journalism in Portugal: an analysis from the perspectives of editors and journalists**

**Luciana Correia de Lima Lopes**

**Keywords:** Artificial Intelligence, AI, journalist, ethics, concern, work, systems, new technologies, interviews

## **Abstract**

Artificial intelligence systems are being implemented in newsrooms in Portugal, leading journalists to observe transformations in their work practices. Currently, the use of AI is more individual than organizational, although some newsrooms are already developing their own tools. This new technology generates more concern than enthusiasm, even though journalists recognize both advantages and disadvantages in its adoption. Thirteen journalists and/or editors discuss how they are witnessing the implementation of these systems in their work processes and highlight that the main concern is the lack of discussion about the ethics of AI systems, which could compromise the profession's deontological code.

## **Índice**

<b>Introdução</b>	1
-------------------	---

### **Parte I**

<b>I.1</b> Conceito de IA e breve histórico	4
<b>I. 2.</b> O uso de sistemas de IA hoje no mundo e a ética	7
<b>I. 3.</b> Novas tecnologias: crises e adaptações dos media ao longo do tempo	11
<b>I.4.</b> O uso de sistemas de IA na produção de conteúdo: boa hipótese ou constrangimento para os jornalistas	14
<b>I.5.</b> Detalhes sobre as vantagens e desvantagens do uso de sistemas de IA nas redações.	17
<b>I.6.</b> Projeções futuras para o jornalismo	21

### **Parte II.**

<b>II.1.</b> Quais são os Sistemas de IA usados no jornalismo em Portugal	24
<b>II.2.</b> Como os jornalistas veem a produção de texto automatizado	31
<b>II.3.</b> Como os jornalistas veem o futuro da profissão	32

<b>Conclusão</b>	36
------------------	----

<b>Bibliografia</b>	40
---------------------	----

## Introdução

Os media afirmam que a Inteligência Artificial (IA) estará presente em todos os lugares e será aplicável a uma ampla gama de tarefas atualmente realizadas por pessoas (Brennen, J.S, Howard, P.N, Nielsen, R.K, 2022). Através de sistemas de IA, cada vez mais, enfrentaremos desafios complexos e sofisticados (Moravec, V., Hynek, N., Skare, M., Gavurova, B., Kubak, M., 2024) e criaremos o potencial de transformar radicalmente a forma como vivemos e trabalhamos, ao automatizar tarefas e processos e ao melhorar também a tomada de decisões, aprimorando a experiência do usuário (Bharat, D., 2023).

No momento presente, a pesquisa relacionada ao avanço da Inteligência Artificial (IA) nos processos industriais, ocupa uma posição de destaque em todas as esferas, e os potenciais benefícios não se restringem apenas às dimensões econômicas e comerciais ou produtivas, mas também se expandem para o âmbito social. A IA, progressivamente, se torna uma tecnologia que faz parte do dia-a-dia das pessoas (Peña-Fernández, S., Meso-Ayerdi, K., Larrondo-Ureta, A., Díaz-Noci, J., 2023). As possibilidades e perspectivas do uso de sistemas de IA na sociedade levantam vantagens e desvantagens. As desvantagens e até mesmo, riscos, abrangem o agravamento das disparidades existentes - como de gênero, raça e classe social - através do uso de dados tendenciosos, tomadas de decisão automatizadas problemáticas, ou invasões à privacidade, entre outros problemas (Brundage et al, 2018), como por exemplo, o impacto da IA nos empregos (Bharat, D., 2023).

No jornalismo, especificamente, essas tecnologias podem atuar como agentes geradores de conteúdo e não apenas como mediadores da comunicação humana, o que gera grande insegurança em relação a possibilidade de surgirem media desprovidas de jornalistas (Ufarte-Ruiz, M.J., Murcia-Verdú, F.J., Túnñez-López, J.M., 2023). Problema esse que vem sendo agravado pelas crises econômicas recorrentes, desde 2008, e outras formas de problemas no mercado de trabalho dos media (Díaz-Noci, J., 2023). No entanto, estudos já realizados, presumem que há uma predisposição do jornalismo ser feito, cada vez mais, em parceria entre humanos e máquinas (Peña-Fernández, S., Meso-Ayerdi, K., Larrondo-Ureta, A., Díaz-Noci, J., 2023) e que os jornalistas precisam se especializar e serem orientados para o uso dessas novas tecnologias (Moravec, V., Hynek, N., Skare, M., Gavurova, B., Kubak, M., 2023).

O objetivo principal deste estudo de cunho exploratório, é conhecer como editores e jornalistas provenientes dos principais veículos de imprensa de Portugal ou jornalistas correspondentes no país, estão a receber e utilizar sistemas de IA nas redações e como percebem a produção jornalística automatizada. Os impressos foram os primeiros a serem impactados pela crise na indústria dos media, e conseqüentemente, foram os primeiros a buscar formas de se reinventar (Christofolletti, R., 2019).

Neste estudo, micro centrado nos indivíduos, foram entrevistados 13 jornalistas e/ou editores de media impressas portuguesas - contratados, *freelancers* e dois correspondentes do Brasil, todos profissionais experientes, que discorreram sobre o assunto durante cerca de 40 minutos até uma hora. A maioria das entrevistas foram feitas *on-line*, por vídeo, e duas delas foram feitas pessoalmente e gravadas. Apenas uma recolha foi feita por escrito, através de perguntas enviadas por e-mail.

As entrevistas foram semiestruturadas, com um guião de 10 perguntas, que permitiu que os entrevistados discorressem sobre vários pontos da temática. Essa abordagem permitiu que cada um dos jornalistas expusesse sua opinião livremente sobre o tema, desse maior relevância para determinados tópicos, e/ou abordasse outros assuntos relacionados a IA, mesmo que estes não estivessem explícitos nas perguntas feitas.

A princípio, a proposta era entrevistar jornalistas e editores da área de tecnologia, mas apenas um deles realmente se disponibilizou para ser entrevistado, e mesmo assim, não quis dar sua opinião pessoal sobre o assunto. Por isso, a decisão foi estender o pedido de entrevistas para jornalistas e editores de todas as editorias, o que acabou por ser uma boa escolha, já que resultou em uma visão mais abrangente sobre o assunto. Os entrevistados dessa forma, foram escolhidos por conveniência.

Jornalistas entrevistados:

- \*António Rodrigues – Jornalista de Internacional do O Público
- \*Caroline Ribeiro – Jornalista do Diário de Notícias Brasil
- \*Christiana Martins – Jornalista da Revista do Expresso
- \*Felipe Gil – Editor do Diário de Notícias
- \*Gian Amato – Jornalista correspondente de O Globo
- \*Hugo Sêneca – Jornalista externo de ciência e tecnologia do Expresso
- \*Inês Belo – Jornalista e editora da Visão e Visão Sete

- \*João Gabriel Lima – Jornalista correspondente da Folha de São Paulo, ajudou a criar o DN Brasil e foi responsável pela transferência do Jornal Estado de São Paulo para o digital
- \*Marta Martins Silva – Jornalista da Revista Domingo (Correio da Manhã)
- \*Miguel Judas – Jornalista *freelancer* da Visão, Must e Diário de Notícias; Diretor do site *GreenFact*
- \*Patrícia Barnabé – *Freelancer*, foi chefe de redação da Vogue PT por 15 anos
- \*Vicente Nunes – Jornalista de O Público Brasil
- \*Um jornalista pediu para não ser identificado - *freelancer*

Na primeira parte do trabalho foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o tema. Na segunda parte, foi feita uma análise dos dados coletados, acompanhada de comentários e citações dos jornalistas sobre a implementação da IA nas redações em Portugal, além dos subtemas abordados durante as entrevistas.

## Parte I

### 1. Conceito de IA e breve histórico

A Inteligência Artificial (IA) compreende um conjunto de técnicas da área da ciência da computação que abarca todas as disciplinas e setores sociais, podendo ser subdividida em sete áreas principais: aprendizado de máquina, visão computacional, reconhecimento de fala, processamento de linguagem natural, planejamento automático, sistemas especializados e robótica (De-Lima-Santos, M.F., Ceron, W., 2021). O termo "Inteligência Artificial" foi introduzido em 1955, pelo cientista da computação John McCarthy, que associou linguagem e inteligência a processos de raciocínio, aprendizado e resolução de problemas. Assim, a IA se configura como uma área da Ciência da Computação que abrange diversos procedimentos e métodos, interessando a múltiplos campos (Kaufman, D., 2018). A expressão "Inteligência Artificial" é frequentemente usada de maneira ampla e imprecisa, resultando em uma variedade de significados, mas independentemente das diferenças específicas, o termo geralmente se refere a tecnologias que imitam a inteligência humana, permitindo que computadores e máquinas ajam de maneira similar às pessoas (Peña-Fernández, S., et. al., 2023), e aprimorem seu desempenho ao longo do tempo com base na experiência, sem a necessidade de programação explícita posterior (Bharat, D., 2023).

Nos primeiros estágios da pesquisa em IA, o foco estava em desenvolver algoritmos e programas capazes de realizar tarefas simples, como jogar xadrez ou resolver problemas matemáticos. Essa era uma abordagem conhecida como IA "baseada em regras", na qual as máquinas seguiam regras programadas por humanos. Depois, os pesquisadores começaram a investigar formas mais avançadas de IA, como o "aprendizado de máquina" e as "redes neurais" em 1970 e 1980. Essas técnicas permitiam que as máquinas aprendessem com os dados, em vez de dependerem de regras pré-programadas (Bharat, D., 2023).

Já nos anos 90 e 2000, com a web e a disseminação de informações e dados, os sistemas de IA puderam ser muito melhor desenvolvidos, e novos investimentos foram feitos nas pesquisas e experimentos (Russell, S. J., Norvig, P., 2009). Isso levou ao desenvolvimento de técnicas de "aprendizado profundo", que foram empregadas para criar sistemas de IA

avançados e capazes de reconhecer fala e imagens, jogar jogos e até mesmo dirigir carros (Bharat, D., 2023). De 2010 para frente, continuaram os avanços em *deep learning*, o que possibilitou uma arquitetura de linguagem mais natural e interpretativa; melhorias significativas na visão computacional, reconhecimento de objetos e análise de vídeos; avanços com as traduções automáticas, *chatbots* e assistentes virtuais (Goodfellow, I., Bengio, Y., Courville, A., 2016).

Atualmente, a pesquisa sobre a aplicação da IA em processos industriais está em destaque. Os benefícios esperados vão além dos setores econômicos e comerciais, alcançando também a área social (Peña-Fernández, S., Meso-Ayerdi, K., Larrondo-Ureta, A., Díaz-Noci, J., 2023), devido aos avanços em aprendizado de máquina, processamento de linguagem natural, visão computacional e robótica (Bharat, D., 2023). Exemplos incluem sistemas de recomendação para conteúdo em plataformas como *YouTube*, *Netflix* e *Spotify*, e sistemas de anúncios personalizados no *Instagram*, que ajustam a publicidade com base nas pesquisas dos usuários ou escolha dos mesmos. Enquanto isso, assistentes virtuais inteligentes, como a *Alexa*, utilizam reconhecimento de voz para interagir com os usuários, o que também é utilizado em carros inteligentes. Essas técnicas e suas aplicações em grande escala são características da 4ª Revolução Industrial, uma nova era industrial marcada pela integração de inteligência artificial, conectividade, automação, internet das coisas e dados em tempo real (Gorzoni, P., 2019).

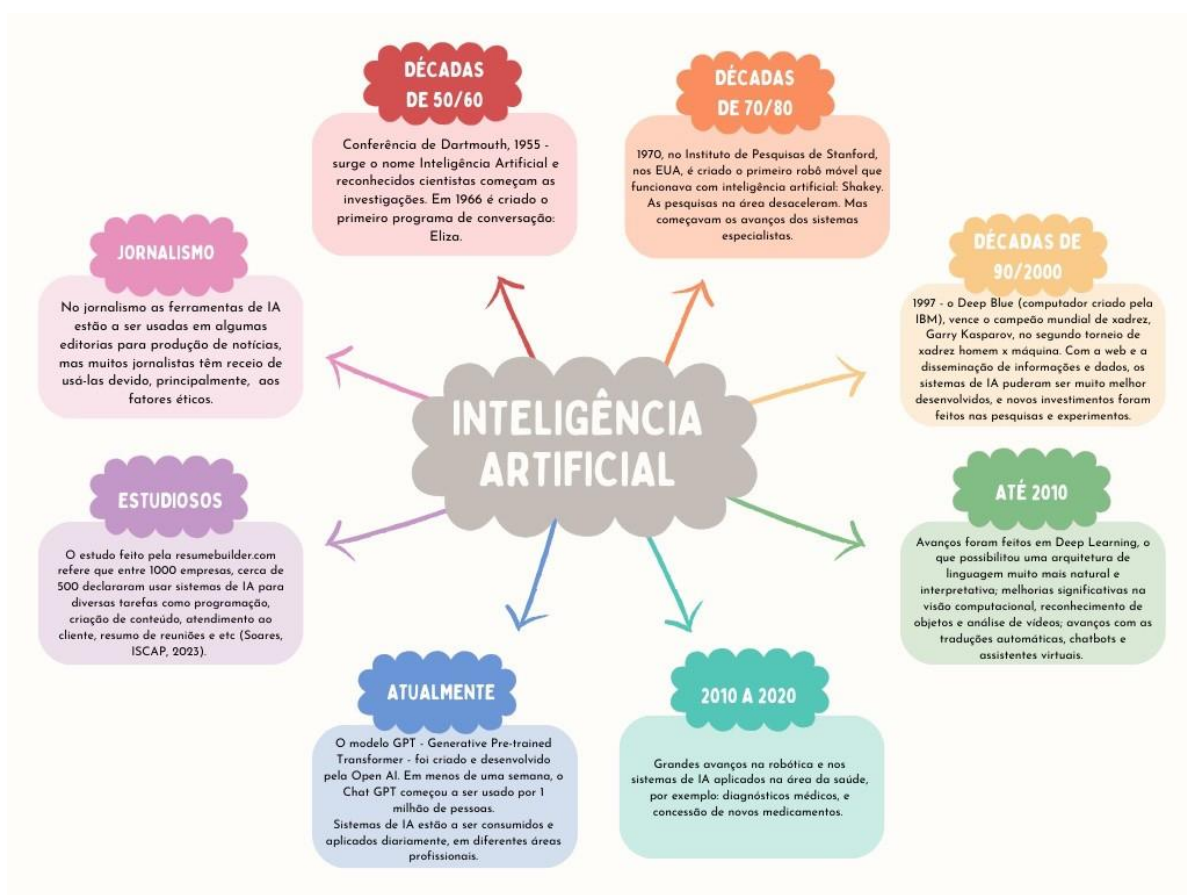
Essa automação promete ter um impacto cada vez mais profundo e duradouro na força de trabalho global (Mnyika, J., Bughin, J., 2018) e já está a ser aplicada em diversos setores: saúde, finanças, transporte, entretenimento e jornalismo (Bharat, D., 2023).

Embora as redações de jornalismo ainda não façam uso de todos os recursos de IA disponíveis (Moravec, V., et. al., 2023), na profissão, o uso regular de sistemas de IA começou em 2013, quando a *Associated Press* automatizou a produção de narrativas do setor esportivo e, posteriormente, relatórios financeiros corporativos, utilizando a tecnologia da *Automated Insights*. Depois disso, outras agências como a *France Press* e a *Reuters* ampliaram sua produção jornalística por meio de algoritmos, enquanto veículos como o *Los Angeles Times* lançaram o primeiro *bot*. Desde então, inúmeros exemplos, desde agências de notícias até meios de comunicação públicos e privados, demonstram que as ferramentas de IA podem ser utilizadas em diversas fases do processo de produção, oferecendo vantagens competitivas às empresas de mídia (Noain-Sánchez, A., 2022).

Este avanço da automação, em todos os setores da sociedade, suscita diversas questões. No artigo da *14th Iberian Conference on Information Systems and Technologies*, “A Ética na Inteligência Artificial: Desafios”, os investigadores argumentam que os conceitos éticos, devem ser os pilares norteadores de maior integração dos sistemas de IA na sociedade e nas resoluções dos desafios que estes sistemas apresentam.

“A inteligência artificial influenciará a dinâmica da tomada de decisões em diversos contextos” (Piteira, M., Aparicio, M., Costa, C. J., 2019, p.1).

**Gráfico 1 – Breve histórico: feitos importantes em relação a IA por décadas**



## 2- O uso de sistemas de IA hoje no mundo e a ética

Segundo os códigos da ACM, *Association For Computing Machinery*, com mais de 100 mil associados e originada nos EUA, com conselhos na Índia, China e na Europa, a ética digital requer condutas que os profissionais da área de Sistemas de Informação e Tecnologia de Informação devem seguir.

“Os profissionais devem adotar uma conduta que tenha em consideração o desenvolvimento dos sistemas com a preocupação de melhorar a qualidade de vida das pessoas, conseqüentemente devem usar as suas competências para o benefício da sociedade. A sua atuação deverá também evitar danos, evitar impactos negativos, especialmente aqueles que sejam significantes e desajustados, como ameaças físicas e mentais, e a destruição não justificada de informação, entre outros” (In Rocha, A., Pedrosa, I., Cota, M. P., Goncalves, R., 2019, p.3).

Além disso, o código ainda fala sobre a proteção aos direitos autorais e de patente, assim como a proteção à privacidade e confidencialidade. Segundo a ACM, o profissional da área deve ter em mente a responsabilidade do próprio trabalho, e que além de competências técnicas, é um setor que deve priorizar profissionais com características de caráter e honestidade muito elevadas (In Rocha, A., Pedrosa, I., Cota, M. P., Goncalves, R., 2019). É fundamental a ética, porque a previsão de transformações sociais são enormes. No artigo *Impacto da Inteligência Artificial nos Locais de Trabalho*, publicado em 2018, na revista *International Journal on Working Conditions*, os autores afirmam:

“Todos os setores de atividade serão afetados, prevê-se que um terço dos empregos atuais, desenvolvidos por colaboradores qualificados, possam ser realizados por máquinas ou *software* inteligente no futuro. Trabalhos individuais desaparecerão

completamente, e novos tipos de empregos serão criados, a transição depende de empresa para empresa e deve ser gradual” (Rui, A.C., Veiga, Pires, 2018, P.70 ).

No mesmo estudo, os autores também fornecem exemplos de como os sistemas de IA estão a ser usados no mundo. Eles contam o caso dos condutores de tratores agrícolas no Japão, que deveriam ser substituídos por sistemas totalmente remotos até o final de 2020, porque verificou-se que mais da metade deles já tinha 65 anos de idade ou mais em 2018, e não teriam condições de realizar tal trabalho no futuro; ou o caso dos robôs assistentes dos enfermeiros, também no Japão, que poderiam vir a assumir as funções de manejar doentes de camas, marquesas ou cadeiras de roda, mas não poderiam cuidar das pessoas, já que concluiu-se em um projeto piloto, que muitas pessoas se recusavam a ser cuidadas por robôs (Rui, A.C., Veiga, Pires, 2018).

“No futuro, muitas outras tarefas altamente repetitivas, arriscadas ou desagradáveis serão realizadas por robôs numa variedade de setores, como a agricultura, construção, transportes, saúde, combate a incêndios ou serviços de limpeza (Agência Europeia para Segurança e Saúde no Trabalho (ASST), 2015) .

Esses sistemas de Inteligência Artificial são criados, como dito acima, com o intuito de mudar a vida das pessoas para melhor, mas isso depende do empenho e do envolvimento de toda a sociedade, dos políticos, da sociedade civil e das empresas, ao analisarem os impactos sociais e psíquicos caso a caso, visto que as questões éticas e de responsabilidade social deveriam guiar o uso ou não de sistemas de IA em todos os campos de trabalho (Rui, A.C., Veiga, Pires, 2018). Em Portugal, por exemplo, as novas tecnologias digitais vieram dar conta de consertar os problemas básicos económicos e industriais, inclusive com objetivo a alcançar em 2030, segundo agenda governamental de IA destinada a setores como a gestão pública, organizações, práticas educativas e de treinamento (Vicente, P.N., 2023).

Representantes da ONU preocupados, alertam sobre o risco de a inteligência artificial aumentar as desigualdades, tanto dentro dos países quanto entre eles. Vários fóruns destacam

a importância de os governos adotarem medidas para mitigar futuros problemas sociais, como a implementação de uma renda básica universal. Por outro lado, para aumentar a eficácia dos gastos públicos visando ao desenvolvimento, um modelo conceitual baseado em inteligência artificial, utilizando ferramentas como *big data*, *machine learning* e *blockchain*, pode ser fundamental para identificar de maneira mais eficaz as prioridades de investimento de acordo com as demandas dos cidadãos (Oliveira, L.J., Mello, M., 2023). No Relatório da *Reuters* (2018) por exemplo, a maioria dos entrevistados, *CEOs* e líderes digitais, afirmou usar sistemas de IA ou ter planos de usar em breve (Helberger, N., 2019). O aprendizado de máquina vem sendo usado de diversas formas:

“Por exemplo, no sistema financeiro, para indicar se uma pessoa desejando tomar um empréstimo tem chance de honrá-lo ou de se tornar inadimplente. Ou em entrevistas para contratação de funcionários, dando-se o perfil de um candidato e o sistema concluindo se ele tem boa chance de ser um bom funcionário. Ou dar-se uma foto de um tecido humano e o sistema detectar se a conformação das células indica um tumor” (Setzer, V., 2021, P.23).

No campo político, outro setor cuja questão ética é bastante delicada, o uso da inteligência artificial vem sendo feito de forma a transformar a comunicação completamente. Como refere o artigo sobre Comunicação política da Revista Internacional em Língua Portuguesa, RILP, em 2023.

“No domínio dos *mass media*, a inteligência artificial invadiu todas as artérias de trocas de sentidos, desde o jornalismo, passando pela comunicação organizacional, *marketing* político, pesquisa *on-line*, entre outras dimensões...nos sistemas tradicionais de mediação política, havia uma apologia aos elementos históricos, culturais, sociais e económicos que eram empregues, de forma direta, nos segmentos de mensagens que se edificavam. Porém, nos dias que correm, grande parte desses atributos que enformam a pragmática da comunicação – já que situam as mensagens dentro de seus referentes e contextos de produção e de consumo -, são substituídos por estratégias de *marketing*

eleitoral, que são engendrados a partir de *slogans*, *soundbytes*, *hashtags*, informações robotizadas e hipermediatezadas” (Évora, S. L., 2023).

Logo, a comunicação política passou a ser muito mais complexa, feita com o uso da IA e conseqüentemente com a utilização de *deepfakes*, que procuram desacreditar o partido adversário. Essa é uma das preocupações hoje nas campanhas políticas. Isso porque a população, em muitos países, se quer teve formação informática, e em IA, menos ainda. O que nos leva a crer que a massa é facilmente manipulada e geralmente, pelas elites econômicas, que têm como investir em determinados políticos e suas equipes de marketing poderosas.

Assim sendo, como os sistemas de IA estão a ser usados em todos os segmentos sociais, a importância de aprender a utilizar formalmente esta nova tecnologia chegou ao nível K-12 de educação e ciência da computação, isto é, o uso dos sistemas de IA estão a ser ensinados e debatido nas escolas desde a educação infantil, em vários países do mundo. Segundo o relatório do *Human Centered Artificial Intelligence*, da *Universidade de Stanford*, de 2022, o currículo K-12 de IA já está a ser empregado nos Estados Unidos e no resto do mundo, em cerca de 11 países. Essa é a tentativa de contornar o uso indevido de sistemas de IA ,como a criação de *deepfakes*, que segundo o mesmo relatório, teve um crescimento de 26 vezes desde 2012 (Baranauskas, M.C., Valente, J.A., 2022). Diversos autores concordam que a escola tem um papel fundamental na construção ética do uso da IA, não apenas profissionalmente (Oliveira, L.J., 2018).

E como não poderia deixar de ser, em profissões em que a percepção humana é altamente usada, os sistemas de IA estão causando impactos e até mesmo repulsa. Isso porque não se tem o conhecimento prévio dos limites do uso das ferramentas e nem se sabe muitas vezes como serão empregadas. Esse é o caso do jornalismo. Profissão que está a ser transformada em sua prática, além das estruturas físicas. Os impactos sentidos pelos jornalistas passam pelas questões éticas intrínsecas à profissão. E isso faz com que os jornalistas se adaptem aos sistemas de IA, com muita cautela, cheios de receios e desconfiança.

### 3. Novas tecnologias: crises e adaptações dos media ao longo do tempo

O jornalismo sempre foi afetado, constituído, e de certa forma, cerceado pelas novas tecnologias. Esses recursos formam, influenciam e caracterizaram a produção de notícias, transformando a forma de fazer jornalismo e a estrutura de negócios das organizações de comunicação (Moravec, V., Hynek, N., Skare, M., Gavurova, B., Kubak, M., 2023). E não é de hoje que tornam o trabalho dos comunicadores mais fácil – as novas tecnologias oferecem recursos de facilitação da prática do jornalismo - mas também mais complexo, exigindo atualizações constantes dos profissionais (Camponoz, C., 2012), até porque são os jornalistas que orientam e motivam o entendimento do público em relação a IA (Vicente, P.N., 2023).

No entanto, é importante começar a referir a partir das crises vividas pelos media. As novas tecnologias costumam ser apontadas como as culpadas dessas crises intensas que os media estão a viver desde o começo do atual milênio, mas vários autores destacam que outras media impressas em papel têm conquistado mais leitores, enquanto que os jornais impressos continuam a viver incômodas adversidades. Conforme afirma (Parzianello, G.L., 2013), no artigo “As Quatro Crises do Jornalismo Impresso”, as novas tecnologias não podem ser apontadas como as únicas culpadas dos problemas no jornalismo. Essas crises, sobretudo no jornalismo impresso vão além, e apresentam origem na economia, nas questões culturais e nas questões sociais, além do consumo e identidade dos próprios jornalistas e das organizações que se transformaram ao longo do tempo.

Claro que as inovações tecnológicas contribuíram para uma nova forma de fazer jornalismo e de consumir notícias, mas antes de qualquer análise, vale dizer que o ritmo da informação mudou. A Cobertura da Guerra do Golfo em 1990, é um bom exemplo disso. Nessa cobertura o jornalista de tv, por exemplo, filmava a si próprio, com telefones `a satélite e câmaras embutidas, e entrava em direto a qualquer hora para dar a notícia. Com os *mobiles* e novas tecnologias, o jornalismo seguiu ainda mais em transformação. Os canais noticiosos passaram a informar 24 horas e os comentadores ocuparam posições de destaque em todos os países. A audiência também passou a participar destes debates. E logo que surgiu o *Google*, em 1998, que gratuitamente colocava o conteúdo à disposição dos leitores, os jornalistas

perderam poder, enquanto que a competição entre as organizações se acirrava. Mais à frente, em 2004 e 2006, o *Facebook* e o *Twitter* tornaram o ritmo de circulação da informação ainda mais ágil e descontrolado, colaborando para que o jornalismo entrasse em crise em 2008. Em 2012 a crise se intensificou, e em Portugal muitos jornalistas foram dispensados de suas funções. As organizações alegaram que as vendas dos impressos caíram substancialmente e que só seria possível sobreviver abrindo caminho no digital. Em todo o mundo grandes jornais impressos foram fechados. Os jornalistas perderam prestígio, o trabalho foi se tornando precário, muitos perderam garantias e passaram a ser jornalistas *freelancers*, e a qualidade caiu vertiginosamente (Maia e Carmo, T., 2016). Ademais, as novas formas de fazer negócio com a informação, as mudanças que vieram com o uso das novas tecnologias e os erros éticos cometidos, colocaram a profissão do jornalista em risco de extinção (Camponez, C., 2012). Estudiosos apontam que surgiu uma forma de jornalismo pautada no sensacionalismo para atrair as massas. Jornais e revistas britânicos foram apontados por usar estratégias escusas para conseguir “furos” de notícias sensacionalistas sobre celebridades, por exemplo (Maia e Carmo, T., 2016).

Na tentativa de conquistar ou reconquistar leitores, as empresas jornalísticas se preocuparam com a reformulação visual dos jornais, desde o tamanho, passando pela paginação, fotos, fontes e cor, sem ter a mesma preocupação com o conteúdo e textos. Os textos continuaram a ser os mesmos tradicionais, feitos de forma ortodoxa (Parzianello, G.L., 2013). E (Parzianello, G.L., 2013) aponta que apenas uma empresa jornalística, das 20 investigadas naquele ano, que recorreram à reforma gráfica, teve preocupação em relação a transformação da forma de escrever para atingir a audiência, levando em conta as expectativas de seu público leitor e as mudanças em seu estilo de vida. O autor destaca também que poucas são as organizações que conseguiram investir e reter excelentes colunistas, que realmente pudessem atrair e manter a audiência. E a web 2.0 trouxe um modelo para a audiência, que deixava de ser apenas leitora para passar a ser produtora de conteúdo, ao mesmo tempo. Surgiram os blogues e mais uma crise de identidade para os media. A falta de investimento no jornalismo feito de forma profissional e séria e a baixa autoestima levaram os jornalistas a uma escrita ruim, preguiçosa e muitas vezes sem ética. A confiança da audiência caiu e a profissão passou a ser desacreditada (Maia e Carmo, T., 2016). Ou seja, não é justo culpar as novas tecnologias, já

que são vários aspetos da relação dos jornais com seus leitores, que detonou a crise dos media tão fortemente.

“O risco à sobrevivência dos jornais impressos tem muito mais a ver com a relação que os jornais estão conseguindo estabelecer com seus leitores, e seus potenciais leitores, do que propriamente com reflexões apenas de incursão de novos recursos tecnológicos” (Parzianello, G.L., 2013, p. 105).

Então, deixando de lado as ferramentas tecnológicas e observando mais de perto como as crises se desenvolvem, em busca de soluções, os investigadores afirmam que o jornalismo deve deixar de ser produto para voltar a ser serviço. Deve dar valor às pessoas individuais e às informações que vêm da comunidade (Bittencourt, M.C., 2018). E aqui desperta-se outra questão de interesse: os sistemas de IA farão do jornalismo algo ainda mais objetivo e sem emoção, retirando de vez o toque humano que aproxima os textos das pessoas? Hoje, investiga-se o envolvimento emocional que as notícias causam nas pessoas e o porque isso acontece. O “jornalismo emocional” está a ser usado para que os jornalistas se aproximem da audiência e criem nesta maior empatia e confiança.

“Os estudiosos estão começando a notar estes desenvolvimentos, com os pesquisadores explorando o "emocional" (Wahl-Jorgensen, 2019) e o “afeto” (Jukes, 2017) nos estudos de mídia, provocando edições especiais em múltiplas revistas de estudos de jornalismo” (Parks, P., 2021, p.825).

“É preciso lembrar que as funções que competem ao jornalista vão além do que meramente informar, mas também incluir humanização de histórias, representação de sentimentos e emoções, estes importantes para a compreensão de um fato, fenômeno” (Moraes, F., Gouveia, D., 2018, p.103).

Então, se as novas tecnologias forem usadas como ferramentas com o potencial de liberar o jornalista de tarefas maçantes, colocando o mesmo de volta ao contato com a audiência, levando a toques de humanidade na produção de reportagens e notícias, o jornalismo terá muito

a ganhar com os sistemas de IA. E o texto poderá ser enriquecido e se tornar menos repetitivo, mais criativo e ainda assim ético (Noain-Sánchez, A., 2022).

Porém, para isso, faz-se necessário que o jornalista se sinta à vontade para experimentar o uso de ferramentas de IA, e assim, fazendo uso de bom senso, perceba se os sistemas são vantajosos ou não para o trabalho, se ferem ou não o código deontológico da profissão e quais se adequam ou não à organização para a qual trabalha. Mas atualmente, os jornalistas em geral, ainda sentem receio em usar sistemas de IA (Noain-Sánchez, A., 2022).

#### **4. O uso de sistemas de IA na produção de conteúdo: boa hipótese ou constrangimento para os jornalistas?**

A automatização de notícias tem sido usada mais em editorias de clima e meteorologia, finanças e práticas desportivas (Canavilhas, J., 2022). Essas são áreas que podem ser automatizadas com mais facilidade, devido ao banco de dados suficientemente organizado e a agilidade da informação muitas vezes, ser mais necessária do que uma análise mais aprofundada. Mas o avanço na automatização de conteúdos nas empresas de notícias pelo mundo, até agora não puderam ser concebidas, principalmente por não haver investimentos suficientes das organizações, seja para desenvolver aplicações próprias ou para adquirir sistemas já existentes (Peña-Fernández, S., et.al., 2023), e/ou por causa da falta de adaptabilidade dos jornalistas às novas tecnologias (Moravec, V., et.al., 2023). Porém, com a popularização dos sistemas de IA generativa (algoritmos que transformam dados em texto, sem intervenção humana posterior à programação feita inicialmente), vários meios de comunicação passaram a utilizar a automatização na produção de notícias. Com isso, voltaram as inseguranças e as dúvidas em relação aos sistemas de IA serem uma boa hipótese ou um constrangimento para os jornalistas (Peña-Fernández, S., et.al., 2023), já que de uma perspectiva existe fascínio com a capacidade de realização das novas tecnologias, e de outra, surpresa e medo com a eventual e ameaçadora transformação social (Vicente, P.N., 2023).

A adoção da IA generativa gera dúvidas e adversidade por imitar a “inteligência” humana (Noain-Sánchez, A., 2022). As dúvidas são porque não existem ainda respostas em torno de algumas questões importantes, como sobre em quem recai a responsabilidade ou culpabilidade

em casos de leis em relação ao conteúdo publicado, cuja geração não foi moderada em todas as partes do processo, ou cuja autoria provém de várias partes desconhecidas, ou pela salvaguarda das prerrogativas de posse intelectual (Díaz-Noci, J., 2020). Essas preocupações se juntam aos desafios provenientes de questões éticas, como a geração de fatos sobre pessoas, as decisões dos algoritmos ou a responsabilidade na utilização de dados (Pihlajarinne, A., Alén-Savikko, A., 2022). E ainda, ao fato da profissão do jornalista ser vista, pelos próprios jornalistas, como uma profissão de grupo independente, que segue regras próprias, que executa um serviço importante para a audiência, de forma isenta, com o objetivo claro de informar, com simplicidade, com verdade, mesmo com a variedade de informações e contradições, sem confundir o que é apresentar fatos de dar opiniões (Peña-Fernández, S., et.al., 2023).

Contudo, o estudo do Laboratório de investigação da *London School of Economics and Political Science*, Journalism, A. I., & NWS, V. (2019). *Introduction to Machine Learning*, afirma que a IA alcançou relevância no jornalismo, apesar de indivíduos e organizações terem pouca compreensão em relação à tecnologia e suas potenciais implicações (Bharat, D., 2023). E é por essa falta de conhecimento claro, constatado, que os investigadores da área referem que é imprescindível alterar a mentalidade no setor mediático e dar prioridade à capacitação no uso das ferramentas de IA (Noain-Sánchez, A., 2022). No relatório da *World Association of News Publishers, AI in Action* (2024), onde 123 executivos do jornalismo foram ouvidos, apenas 13% disseram estar bem preparados para usar os sistemas de IA, enquanto 33% disseram estar mal preparados e 7% disseram estar nada preparados.

Outro relatório, produzido em Londres, também sugeriu quais os desafios na implementação dessas novas tecnologias entre as 71 empresas de media de 32 países diferentes analisados: vão desde “recursos financeiros limitados (27%), a falta de conhecimentos ou competências (24%) e a resistência cultural (24%), incluindo o receio de perda de emprego, a mudança de hábitos de trabalho e uma hostilidade geral às novas tecnologias” (*The Journalism AI Report*, 2019).

“Thurman, Dörr e Kunert (2017) entrevistaram profissionais da CNN, BBC e *Thomson Reuters* para recolher as suas opiniões sobre alguns artigos jornalísticos produzidos por IA. Da mesma forma, Daewon e Seongcheol analisaram as atitudes dos jornalistas em relação à automatização das notícias (2018). Por sua vez, Túñez, Toural e Cacheiro (2018) pesquisaram associações de jornalismo para obter uma visão da percepção

profissional na Espanha, destacando a falta de conhecimento sobre esses desenvolvimentos em nível profissional” (Noain-Sánchez, A., 2022, p.3).

Segundo os investigadores, os jornalistas têm receios e antipatia pela utilização de sistemas de IA, por não conhecerem os potenciais de liberdade e estrutura que estes podem fornecer a eles, que sempre estarão no papel de supervisores do trabalho das máquinas, e por isso não precisam ter a insegurança da perda da essência do jornalismo, mesmo que a supervisão não possa ser feita em todos os níveis até o resultado final (Noain-Sánchez, A., 2022). A previsão dos analistas é que haverá novos empregos no setor dos media, porque será necessário a formação de novos profissionais, como por exemplo, um supervisor do conteúdo gerado automaticamente. São maneiras de execução do trabalho que surgem em função das novas tecnologias, e que exigirão dos jornalistas maior conhecimento tecnológico (De-Lara, A., García-Avilés, J.A., Arias - Robies, F., 2022).

Por isso, os jornalistas precisam reconhecer a necessidade de entender como essas novas tecnologias já estão a funcionar, ainda mais porque as organizações de notícias pedem atenção para a formação dos profissionais, fazendo uso de sistemas de IA desde a graduação (Deuze, M., Beckett, C., 2022). Os analistas destacam que é fundamental que na graduação de jornalismo, os estudantes tenham um aprendizado amplo das técnicas, da parte ética e da desmistificação da IA. E sugerem que deve ser afastada a desconfiança quanto a sua utilização, tendo em vista as vantagens e desvantagens do uso dessas novas tecnologias e a previsão de uma forma híbrida do trabalho do jornalista junto aos sistemas de IA (Noain-Sánchez, A., 2022).

Em estudo recente, uma das principais conclusões foi que as pessoas que têm entendimento elevado dos sistemas de IA utilizados no jornalismo, preferem notícias automatizadas igualmente, ou até mais, do que aquelas feitas por jornalistas humanos, logo, o conhecimento pode alterar a percepção dos jornalistas em relação a estas novas tecnologias. Outro importante ponto de vista, é que quanto mais os jornalistas conhecerem sobre a análise de dados e como os algoritmos trabalham, mais eles poderão ter maior controle sobre os processos e assim melhores chances de estarem protegidos, de atuarem bem, manterem a competitividade, e ainda impedirem que as empresas de tecnologia se sobreponham ao trabalho deles (Moravec, V., et.al., 2023).

## 5. Detalhes sobre as vantagens e desvantagens do uso de sistemas de IA nas redações

Embora a implementação de sistemas de IA tenha ocorrido em momentos diversos pelos países, a transformação mais visível foi detetada no jornalismo dos Estados Unidos e da China (Moravec, V., et.al., 2023). Os jornalistas concordam que a IA melhorará as habilidades do setor, economizando tempo, aumentando a eficiência nos processos de produção de notícias e, por consequência, elevando a produtividade na área dos media (Noain-Sánchez, A., 2022).

Diversos estudos, que investigam o uso da inteligência artificial no jornalismo, revelam que sua aplicação principal está em sistemas de IA que geram automaticamente notícias a partir de conjuntos de dados e *templates*. O que torna as atividades específicas no processo de produção de notícias mais simples, elevando a qualidade do trabalho, tornando o trabalho dos jornalistas mais eficiente, liberando-os de tarefas monótonas e mecânicas que fazem parte do dia-a-dia da profissão (Diakopoulos, N., 2019).

A principal vantagem dessa tecnologia para os jornalistas é a agilidade. Os programas rapidamente podem criar artigos de notícias, relatórios e outros conteúdos com precisão, o que é particularmente útil para a divulgação de notícias de última hora (Bharat, D., 2023). No entanto, há muitas outras utilizações positivas, como a maior facilidade para reconhecer tendências de dados, coletar informações ou distribuir e recomendar notícias. Também a validação ou não de notícias, fazendo a confirmação da desinformação, além da tradução, da revisão e da transcrição automática de textos. A utilização dessas ferramentas leva à capacidade da geração de um vasto volume de conteúdo, algo que seria difícil para escritores humanos, e para a segurança de precisão na análise de grandes quantidades de dados, o que resulta em checagem dos fatos e eliminação de erros (Noain-Sánchez, A., 2022).

Note-se, que embora as *deepfakes* sejam, muitas vezes, criações de sistemas de IA, é importante ressaltar que em estudo recente, verificou-se que os mesmos sistemas de Inteligência Artificial são os principais detetores das notícias falsas, com precisão de 90% (Bharat, D., 2023). Além do mais, a propagação da desinformação pelas mídias sociais, tem ligação com o tipo e com a credibilidade do conteúdo, sem depender se a informação foi gerada de forma automatizada ou por um humano (Moravec, V., et.al., 2023).

Além do mais, uma infinidade de exemplos, abrangendo desde agências de notícias até meios de comunicação públicos e privados, confirmam que as ferramentas de IA podem operar em diversos níveis e etapas do processo de produção, oferecendo vantagens competitivas às empresas dos media (Bharat, D., 2023). E dentre estas vantagens destaca-se também, a capacidade de verificar audiências, percebendo seus temas de interesse (Noain-Sánchez, A., 2022). A recomendação de notícias é feita em geral, por alguns tipos de algoritmos. Existem aqueles algoritmos com base em conteúdo, que fazem recomendações individuais e personalizadas, outros que têm filtro colaborativo, que se baseiam no gosto do grupo do usuário, e existe também, a combinação desses dois tipos de algoritmos de recomendação. Um quarto tipo de algoritmos segue as características pré-selecionadas pelo usuário ou pela organização de notícias em questão (Helberger, N., 2019). Como os algoritmos ao decorrer do tempo, vão cada vez mais decidindo os contextos e prioridades dos conteúdos, aumentam os cuidados, os interesses e os desconfortos ligados ao uso de sistemas de IA no jornalismo. Logo, aumentam também a importância de debater os tópicos de regulamentação e questões éticas para que a audiência não seja suscetível a uma visão distorcida da realidade (Noain-Sánchez, A., 2022, Moravec et al, 2023). Espera-se que as organizações de notícias fiquem atentas e verifiquem se a automatização está a proporcionar resultados que garantam a imparcialidade e a diversidade de conteúdos. Principalmente, as organizações de notícias devem respeitar os códigos de valores do jornalismo, priorizando assim os conteúdos diversos para os utilizadores, mesmo que estes decidam personalizar suas escolhas (Noain-Sánchez, A., 2022).

Devido a polivalência e agilidade do uso dos sistemas de IA no jornalismo, há uma tendência de que esses sistemas sejam usados ainda mais em diversas áreas, como política, economia, negócios, tecnologia, saúde, sociedade, cultura e esportes (Moravec et al, 2023). E essa crescente expansão do uso de sistemas de IA no jornalismo tem gerado um intenso debate sobre os impactos negativos na profissão, especialmente quanto aos padrões de qualidade e sobre os princípios éticos. As questões éticas ressaltam a necessidade de monitoramento e vigilância contínuos dos processos executados pela IA (Noain-Sánchez, A., 2022). Os estudiosos destacam que o principal é cuidar da liberdade de expressão, da transparência e da responsabilidade. Fatores cruciais de um bom jornalismo (Helberger, N., 2019). Assim, embora a IA traga várias vantagens para o jornalismo, é crucial abordar o fenômeno buscando um equilíbrio entre a visão empresarial (rentabilidade) e a visão humana - social e perceptiva (Noain-Sánchez, A., 2022). O fato é que para as empresas, os sistemas de IA se mostram interessantes. Afinal, cuidam da personalização do conteúdo de notícias, ajustando-o aos

interesses e preferências dos usuários, fazendo com que o engajamento e a lealdade do público aumentem. São utilizados na análise de audiência, ajudando as organizações de notícias a compreender melhor o comportamento e as preferências do público, permitindo direcionar o conteúdo de maneira mais eficaz e a aprimorar as estratégias de *marketing*; entre outras vantagens já vistas, como a rapidez e precisão que apresentam na produção de conteúdo (Bharat, D., 2023). Finalmente, a automatização das pesquisas de conteúdo também pode levar os jornalistas a encontrar ideias especiais.

“Com a utilização de sistemas de IA, por exemplo, é possível localizar pautas únicas e informações exclusivas, pois, muitas vezes, esses algoritmos são capazes de alcançar informações que nunca seriam encontradas de forma manual” (Quandt, N.E, Sant’Anna, R., Winques, K., Máximo, M.E., 2021, p.4).

Mas não se pode deixar de lado que essa automatização do conteúdo produzido no jornalismo, também pode apresentar a falta de criatividade e o toque pessoal que são característicos dos textos escritos por humanos. Além disso, existe o risco de que os artigos gerados sejam tendenciosos e careçam do contexto e das sutilezas que apenas um escritor humano pode oferecer (Bharat, D., 2023).

Autores como (Noain- Sánchez, A., 2022) e (Canavilhas, J., 2023), afirmam que todos aqueles que estivessem a utilizar ou iniciar o uso de sistemas de IA, deveriam perceber que estas novas tecnologias são complementares ao trabalho de jornalismo. Que não há um potencial infinito em seu uso porque sempre pode haver uma percentagem de erro e de falta de exatidão. O que foi contestado por (Moravec, V., et. al., 2023). Os autores referiram que a função da IA pode deixar de ser complementar e que a criação automatizada de conteúdo pode sim, gerar instabilidade e insegurança ao trabalho dos jornalistas, desafiando assim as concepções tradicionais da profissão. Porém, o que estes e vários outros autores concordam é que os jornalistas devem lembrar que os dados nunca são fontes neutras, mesmo que recolhidos de forma tradicional. Se recolhidos através de algoritmos, podem ser tendenciosos da mesma forma ou pior. A programação inicial sempre será muito importante para que a máquina não venha a aprender já com a herança de preconceitos humanos, por exemplo (Noain-Sánchez, A., 2022).

No ensaio "Análise de apurações jornalísticas feitas com uso de Inteligência Artificial" (Quandt, N.E, Sant'Anna, R., Winques, K., Máximo, M.E., 2021), as autoras destacam a viabilidade de produzir narrativas de qualidade ao utilizar cuidadosamente a IA. Elas também abordam o crescente uso da IA nas redações, citando o professor Carl-Gustav Linden, da Universidade de *Helsinki*, Finlândia, que enfatiza que a nova tecnologia já é uma realidade no fluxo de trabalho jornalístico, ao afirmar o desenvolvimento conjunto entre tecnologia e jornalismo. As autoras analisam matérias internacionais feitas com o uso da Inteligência Artificial, como o "*Luanda Leaks*" do Consórcio Internacional dos Jornalistas Investigativos (ICIJ), "*Leprosy on the Land*" da agência de notícias *Texty*, e "*Chamber of Secrets: teaching a machine what congress cares about*" da agência de notícias ProPublica. Elas destacam que, embora a IA tenha sido utilizada para apurar dados e organizar informações, é essencial a interpretação e contextualização realizada pelos jornalistas para tornar os resultados compreensíveis e atraentes para o público. As autoras ressaltam a importância do papel do jornalista na transmissão eficaz dos dados aos leitores, enfatizando que apenas o uso da IA sem a intervenção humana não garante um entendimento adequado da informação.

“O jornalismo não se resume a uma lógica de produção textual baseada em dados conhecidos. O jornalismo exige fontes que forneçam dados desconhecidos, requer a interpretação qualitativa desses dados usando o raciocínio, e precisa de criatividade para que o produto final tenha o cunho próprio e diferenciado” (Canavilhas, J., 2023, p.35).

Estudos afirmam que o jornalista deve se focar mais em como incluir as regras do bom jornalismo e as verificações das práticas no processo de produção de conteúdo automatizado, do que se correrá o risco de ser substituído por sistemas de IA, ou não (Peña-Fernández, S., et.al., 2023). E trata-se de um consenso entre os jornalistas, que as novas tecnologias de IA requerem regulamentação de acordo com um código de ética e declarações de valores fundamentais. Desde o princípio da produção, passando por todos os níveis e por todos os envolvidos (desde os *designers* até os jornalistas), devem haver princípios delimitados quanto a autorização e a utilização de sistemas de IA no jornalismo. Além disso, é necessário que se faça um tratado de compromissos assumidos por todos, para deixar às claras quais as determinações em relação a excelência, as semelhanças, a clareza e a sensatez. Só assim poderá haver garantias de que o trabalho foi feito com ética em todas as etapas do processo (Noain-Sánchez, A., 2022).

Algumas organizações de notícias estão a criar diretrizes para a utilização de IA nas redações e/ou setores de criação de ferramentas de IA. Alguns exemplos são: a Carta de Princípios do Jornal Expresso (Junho de 2024), que direciona os jornalistas à melhor maneira de usar ferramentas de IA, o Projeto Irineu, do sistema O Globo Internacional (Junho de 2024), que cria ferramentas de uso da IA Generativa para o leitor on-line e enfatiza que o trabalho de apuração e checagem dos jornalistas é fundamental, e a Política de Uso de Sistemas de IA (Novembro de 2023) do Grupo Estado de São Paulo (Brasil), que afirma que o trabalho do jornalista humano não deixará de ser fundamental.

“Nossa política de uso das inteligências artificiais tem a qualidade de trazer, na dose certa, o incentivo total à experimentação com essas novas tecnologias e a garantia de que a responsabilidade final pelas produções jornalísticas será sempre de uma pessoa, um profissional de carne e osso” (Alcântara, E., diretor de Jornalismo do Grupo Estado, 2023).

Outras empresas internacionais de notícias, como *Associated Press*, *Reuters*, *The Telegraph* e *Wired*, também criaram documentos com diretrizes próprias nos últimos anos. As organizações de jornalismo estão a se preparar para o uso de sistemas de IA crescentes nas redações e que terão seu lugar próprio no futuro.

## **6. Projeções futuras para o jornalismo**

Como já foi dito acima, a tendência é que exista cada vez mais a colaboração e interação entre humanos e máquinas no jornalismo (Diakopoulos, N., 2023), e embora a geração de conteúdo por sistemas de IA ainda seja pequena nas organizações de notícias, e a utilização de IA generativa seja limitada, é importante investigar como os jornalistas percebem a criação de notícias automatizadas, porque as expectativas influenciam o desenvolvimento futuro desses sistemas e a aceitação dos mesmos, tanto no meio de produção, quanto para o público (Peña-Fernández, S., et.al., 2023).

Historicamente, já se sabe da resistência a aceitar e se adaptar às novas tecnologias nas redações. Fato é que a tecnologia (no caso a IA) irá transformar a prática do exercício da profissão do jornalista, mas também irá alterar a maneira como essa transformação será imaginada por eles e logo, realizada pelos próprios (Peña-Fernández, S., et.al., 2023).

“Nossa proposta é que a co-construção e o desempenho público da modernidade são, por si só, indissociáveis da mídia moderna: a modernidade é, simultaneamente, criadora da mídia e criada por ela” (Dias-Trindade, S., Vicente, P.N., 2021, p.2).

A aceitação do público também se faz necessária para o desenvolvimento dos sistemas de IA e a adaptação dos jornalistas aos mesmos. Em Portugal, por exemplo, os media que dão mais atenção à temática da IA, são da imprensa de opinião, como o Diário de Notícias, O Público e o Expresso. Em geral, as notícias apresentam a IA como uma novidade tecnológica e referem a questão do desemprego, da economia e da possibilidade de liberar as pessoas de tarefas mais maçantes, mas ainda são poucos os artigos que discutem as questões éticas e de regulamentação dos sistemas de Inteligência Artificial (Vicente, P.N., 2023).

A IA poderá ser muito útil no produto final jornalístico, mas para que se crie a Quarta Revolução Industrial (4IR) - que transformará todos os setores de produção, impactando a sociedade e causando uma mudança total na forma de interagir com as coisas e com os outros – com sucesso, é necessário que o futuro seja imaginado agora. Não se deve apartar os media das previsões de futuros imaginados, tanto sociais quanto técnicos, para que não se diminua a percepção plena do que pensa o coletivo, e de como ele é motivado a imaginar o futuro.

Os media devem funcionar como a parte do coletivo que têm uma visão especial, com possibilidade de analisar o que foi antes idealizado e perceber como a ideia toma forma socialmente e tecnologicamente. Além do mais, os media exercem o importante papel de levar os conceitos e ideias ao público, para que o futuro do coletivo não seja pautado apenas por uma elite técnica e financeira (Dias-Trindade, S., Vicente, P.N., 2021).

Muito do que antes achávamos ser apenas invenção para filmes de ficção científica, com o uso das novas tecnologias e o impulso financeiro e humano, já é possível ser criado. Por exemplo, em abril de 2023, a China colocou no ar uma âncora digital no jornal, criada com IA.

Seu aprendizado foi feito através da recolha de informações de 1000 apresentadores humanos. A âncora chinesa, cujo nome é *Ren Xiaorong*, disse na sua primeira aparição que responderia perguntas 24 horas por dia na plataforma de app de notícias do *People's Daily Journal*. A âncora foi financiada pelo governo do Estado, logo, apenas poderia interagir, segundo as pautas e ideias do Partido Comunista Chinês. O que não é de se espantar, visto que já existem “modelos de humanos digitais” para serem selecionados para trabalhos diversos, partidários ou não. A *Tencent Cloud Intelligent Digital Human Products* é uma empresa que cria esses modelos com o uso de IA. Os modelos são gerados para atuarem em diversas áreas como arte, *design*, comunicação, arquitetura ou engenharia, e os clientes podem personalizar a atuação dos mesmos (Barcelos, M., 2023).

“Segundo as previsões da consultoria *Gartner*, 95% de todas as interações de empresas com os consumidores serão mediadas por algum modelo de inteligência artificial nos próximos anos... estamos em uma importante fase de transição entre a IA, Específica, Generalizada e a IA Superinteligente (Barcelos, M., 2023, p.14).

O autor diz que na IA Generalizada, essa fase em que nos encontramos hoje, os algoritmos podem alcançar a mesma capacidade da inteligência humana, ao fazer uso de técnicas de Aprendizado de Máquina. Já na IA Superinteligente, que não sabemos ainda se existirá, os sistemas de IA se tornam mais inteligentes que os humanos em praticamente todas as tarefas.

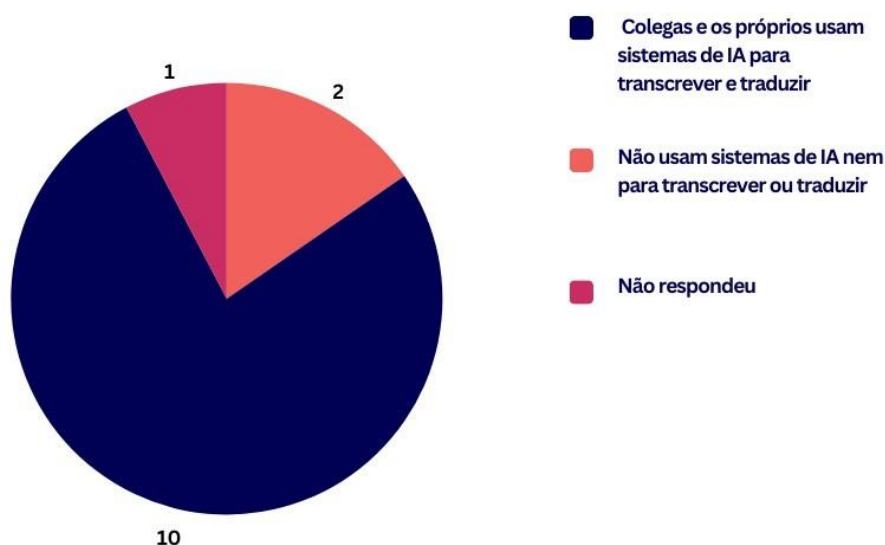
O autor também aponta para o fato que muitos media e empresas de tecnologia defendem a utilização de IA para a TV, para produzir notícias e reduzir os custos, o que já se sabe que coloca o trabalho dos jornalistas em risco e anuncia imensos desafios quanto as questões éticas, de credibilidade, riscos de manipulação, erros, entre outros problemas (Barcelos, M., 2023).

Tudo isso nos leva a acreditar que, como o amanhã é construído hoje, o futuro da Inteligência Artificial para a prática do jornalismo vai depender de vários fatores, como investimentos adequados das organizações de notícias, aprendizagem, qualificação, ética na utilização, aplicação das novas tecnologias sem ferir os valores da profissão, manutenção da qualidade, regulamentação e verificação de todos os processos do fazer jornalismo, entre outros desafios (Pérez-Seijo, S., Barbosa, S., Vicente, P.N., 2023).

## Parte II

### 1. Quais os sistemas de IA usados no jornalismo em Portugal

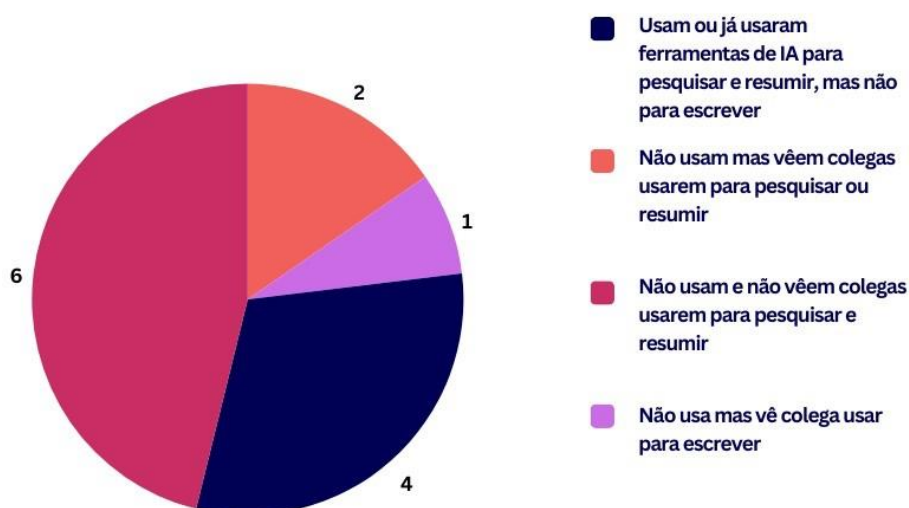
1 - USO DE SISTEMAS DE IA  
NAS REDAÇÕES



Conforme apresentado no gráfico *1 – Uso de Sistemas de IA no Jornalismo em Portugal*, dos treze jornalistas entrevistados, dois deles não veem os colegas usarem individualmente sistemas de IA nas redações e não usam ou nunca usaram, eles próprios, e um entrevistado não quis responder. Dez dos entrevistados referem que os jornalistas, individualmente, usam ferramentas para transcrever as entrevistas e alguns para traduzir, e que são esses os sistemas de IA mais comuns na profissão, hoje em dia, em Portugal. Alguns disseram que é comum também usarem sistemas de tradução, para tornar mais fluido um texto escrito em outra língua. Esses mesmos dez entrevistados disseram que usam ou já usaram algum dos sistemas de IA para experimentar. A maioria dos entrevistados que já utilizou programas de transcrição, não continuou a usar, porque gosta de ouvir as entrevistas e desgravar, ou porque nunca transcreve tudo que o entrevistado disse, já desgrava sabendo qual

parte do que foi dito será citado. Ou ainda, porque as transcrições automáticas têm muitos erros e não captam outras coisas que os jornalistas julgam importantes. A maioria dos entrevistados refere que os sistemas de IA para transcrições e traduções, quando usados, têm a finalidade de agilizar os processos de produção das notícias e facilitar a parte do trabalho que é mais maçante e repetitiva.

## 2 - USO DE SISTEMAS DE IA GENERATIVA NAS REDAÇÕES



Como é possível ver no **gráfico 2 – Uso de Sistemas de IA Generativa nas redações**, apenas um entrevistado disse ter conhecimento de pelo menos um jornalista que usa o *Chat GPT* para fazer textos. Dois disseram ver alguns jornalistas usarem o *Chat GPT* para pesquisar e resumir os assuntos. Enquanto quatro dos entrevistados dizem usar, eles próprios, para resumir ou pesquisar algum tema ou situação. Seis deles dizem não usar e não veem os colegas usarem. A maioria dos entrevistados disse se sentir desconfortável e ter preocupações em relação a pesquisar no *Chat GPT*, porque a copilação sempre será feita pelo o que já está na internet, ou porque os sistemas ainda trazem muitos erros, além de cópias.

M.J: “Fala-se muito dos sistemas de IA, mas não é assumido que se use. Eu usei para experimentar, mas não dei continuidade, talvez por falta de hábito, ou falta de adaptação. Mas sei de colega que escreve e melhora o texto com a nova tecnologia”.

C.M: “Eu sempre tive a tendência de aderir às novas tecnologias. No caso da IA, talvez seja a mudança tecnológica onde estou mais reticente. Acho que o que mais me incomoda é a possibilidade de ser um sistema que trabalhe sem mim, que saia um bocado do meu controle”.

F.G: “Uso em transcrições, apesar de haver alguma desconfiança, trazem rapidez, mesmo que tenhamos que ir ouvindo e consertando o que foi transcrito. Acho que ajuda bastante. Se fazemos logo a desgravação, muito da entrevista ainda está na memória e da para ler e perceber o que foi dito com mais facilidade”.

I.B: “Na transcrição automática perde-se um pouco o ambiente, o que a pessoa quis dizer. Então, uso apenas como complemento”.

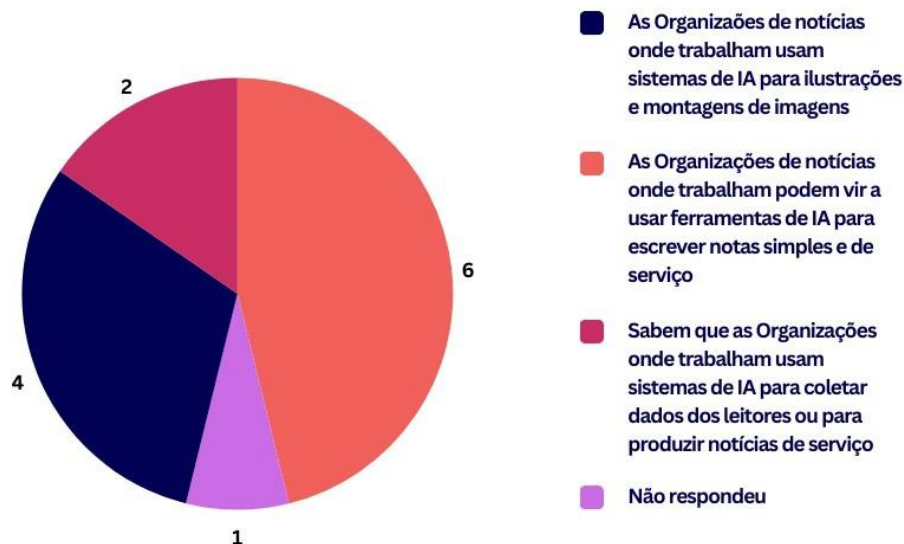
M.M: “Aqui na redação tivemos acesso a uma ferramenta de IA que permite fazer transcrições e legendagem de vídeos. Para mim não faz sentido usar porque gosto de transcrever eu mesma, percebo que ouço melhor o entrevistado na segunda vez. Mas facilita imenso o trabalho, sobretudo a legendagem. Vários colegas aderiram”.

J.G: “As vezes uso o *Chat GPT* para ter um resumo de um assunto que eu preciso entender rapidamente, mas só quando quero alguma informação muito generalista, porque o melhor ainda é o *Google* mesmo, e ir até a fonte das coisas. Se for uma informação de serviço, algo oficial, o resumo da IA é confiável. De qualquer forma, tudo tem que ser verificado antes de usar”.

M.J: “Ao experimentar o *Chat GPT*, busquei informações sobre uma banda e veio muita coisa errada. Usei alguma coisa depois de verificar, mas não dá para confiar. Eu escrevo sobre os Açores desde 2017, e para experimentar, busquei informações no *Chat GPT* para ver se vinha alguma ideia diferente. Para a minha surpresa, veio um texto que eu mesmo havia escrito”.

AR: “Os jornalistas precisam discernir o mundo para passar a informação às pessoas. Encontrar informação que não seja óbvia é muito difícil. O jornalismo não pode ser a reprodução daquilo que já está na internet”.

### 3- O USO DOS SISTEMAS DE IA NAS ORGANIZAÇÕES DE NOTÍCIAS



Conforme o *gráfico 3 – O Uso dos Sistemas de IA nas Organizações de Notícias*, seis dos entrevistados dizem que as organizações podem vir a usar ferramentas de IA para escrever notas de serviço de qualquer editoria, ou pequenos textos da área de esporte, meteorologia ou economia. Quatro disseram que as redações já usam para ilustrações e/ou montagem de imagens, e dois disseram que várias organizações já usam para notícias de serviço ou para coletar dados dos leitores.

C.M: “Na redação são usadas ferramentas de IA na criação de ilustrações e na junção simples de imagens”.

J.G: “Em 2006, já podíamos saber no Estadão (BR), jornal que eu trabalhava na época, quais os gostos do leitor e a que horas aquele assunto deveria ser publicado para alcançar mais leitores on-line. E não era ainda a IA como vemos hoje. Nessa época, fui a um congresso na Holanda em que um editor do *Helsinki Sanomat*, jornal finlandês totalmente digitalizado, disse que haviam comprado uma ferramenta de IA capaz de fazer para cada leitor (previamente escolhido), uma primeira página exclusiva destacando seus assuntos de maior interesse”.

F.G: “Aqui acreditamos que algumas coisas, como textos de resultados de jogos e sorteios de apostas por exemplo, possam vir a ser feitos rapidamente com sistemas de IA. Mas isso é perspectiva, na prática existem muito poucas coisas a serem feitas pela redação, o uso da IA ainda é mais individual”.

Como aponta Noain-Sánchez, A. (2022), os jornalistas enfrentam receios quanto ao uso de sistemas de IA, apesar da previsão de que sua utilização se tornará cada vez mais comum, conforme afirmam também Moravec, V., et.al. (2023). Embora seja reconhecido que os sistemas de IA oferecem rapidez e precisão na produção de conteúdo, os jornalistas ainda hesitam em adotar essas ferramentas para a escrita, principalmente devido à preocupação com a ética em todas as etapas do processo, como observado por Noain-Sánchez, A. (2022) e também pela falta de criatividade e o toque pessoal que são característicos dos textos escritos por humanos conforme alerta Bharat, D. (2023). No estudo em questão, nenhum dos entrevistados relatou o uso de IA para escrever, demonstrando uma preocupação significativa com a adoção dessas novas tecnologias. Essa preocupação se intensifica devido à interação dos jornalistas com fontes e contextos específicos, bem como aos erros persistentes nos sistemas de IA e à falta de verificação das informações, um aspecto fundamental da profissão.

M.M: “O jornalista tem que procurar informações em diversas fontes e acredito que a apuração humana é muito mais rica do que a artificial”.

V.N: “A IA não nos dá garantias de veracidade e é muito preocupante o uso indiscriminado destes sistemas. É através de uma boa conversa que o jornalista torna seu texto diferente e nada como várias fontes e o olho no olho para captar o que o outro está a dizer, ou se está a mentir, por exemplo”.

Os jornalistas entrevistados percebem que existem vantagens e desvantagens no uso de sistemas de IA para o jornalismo impresso. A maioria concorda que a IA melhorará as habilidades do setor, economizando tempo, aumentando a eficiência nos processos de produção de notícias e, por consequência, elevando a produtividade na área dos media, assim como constatou Noain-Sánchez, A. (2022) e outros autores. Nesta investigação, foram eleitas como vantagens pelos entrevistados, a liberação dos jornalistas de trabalhos maçantes, a agilidade

em produzir notas simples, a compilação de dados concretos e a busca de informações primárias. Sobretudo os editores, também disseram que os sistemas de IA fazem um bom trabalho em detetar os hábitos do leitor, o que torna o jornalismo mais certo em fazer chegar a informação a quem de facto está interessado, e a perceber quais são os desejos da audiência.

J.G: “Talvez os algoritmos estejam nos ajudando a perceber que o leitor não assina o jornal só por causa dos colunistas, mas quando precisa de informação confiável. O jornal ainda é garantia de informação verificada e com curadoria”.

F.G: “Hoje eu demoro um minuto para escrever a arte e cinco minutos para pesquisar os factos. Imagina se no futuro, com máquinas mais avançadas e confiáveis, seja possível que eu escreva a arte e ela complete com os factos? Seria uma grande ajuda”.

V.N: “Acredito que o tempo de pesquisa será reduzido conforme os sistemas vão se aprimorando e possamos confiar mais. Agora, podemos entrevistar uma pessoa no idioma dela com a ajuda da IA. Isso é incrível”.

Por outro lado, os jornalistas e editores entrevistados, também expuseram as desvantagens e suas preocupações em relação a forma com que os sistemas de IA estão a ser usados hoje. Conforme Canavilhas, J. (2023), Noain-Sánchez, A. (2022), Helberg, N. (2019), e tantos outros autores, os sistemas de IA geram numerosas discussões e preocupações sobre os riscos dessas novas ferramentas minarem os princípios éticos e os valores fundamentais do jornalismo. No estudo em questão, os jornalistas entrevistados destacaram como desvantagens a falta de pluralidade das notícias, as informações tendenciosas, a criação de bolhas de pensamento, os riscos da desinformação, as dificuldades de verificação dos factos e a incerteza quanto à segurança dos sistemas.

A.R: “Os algoritmos cada vez mais nos fecham em nossas bolhas, na nossa forma de ver o mundo. Recebemos o que o algoritmo deteta que já gostamos, portanto, à medida que o tempo

passa, fica cada vez mais difícil furar essa bolha e perceber o mundo pelos olhos do outro. E isso acaba com o diálogo”.

F.G: “Com os sistemas de IA e a desinformação levamos mais tempo para descobrir se um facto é verdadeiro ou não. Precisaremos de bons programas para fazer essa verificação. E quando trabalhamos com informações confidenciais, podemos ter certeza da confiabilidade desses sistemas? As informações são mesmo encriptadas nos programas”?

V.N: “Um veículo de imprensa para ser respeitado, valorizado, sempre precisou de ter credibilidade, mas hoje, ainda mais. Podemos ser induzidos a erros. A rapidez desses sistemas pode fazer com que uma mentira se torne verdade absoluta pela propagação rápida, e isso é um grande perigo”.

A maioria dos entrevistados citou espontaneamente a preocupação quanto a fragilidade dos regimes democráticos, diante do perigo das notícias tendenciosas, da personalização de temas, e da criação de bolhas de informação a serem distribuídas para os leitores através dos algoritmos.

F.G: “Mesmo que não personalizemos o que queremos ver, os algoritmos só nos enviam o que já procuramos, então é mesmo bastante preocupante e tenho medo em relação a quem não tem curiosidade e vai viver só dentro do que o algoritmo envia”.

M.M: “O jornalismo garante a democracia em qualquer país. Não pode deixar de ser feito de forma cuidadosa e profunda. E temo que possa acontecer isso, uma vez que a IA entrega aquilo que as pessoas querem receber. Quando deixamos de dar às pessoas determinados conteúdos, elas até esquecem o quanto aquele conteúdo era importante para elas”.

V.N: “Todos sabem que a desinformação e a disseminação de mentiras podem ser muito prejudiciais às democracias e existem grupos extremistas que se aproveitam para usar esses sistemas de IA, justamente com a intenção de manchar reputações”.

## 2. Como os jornalistas veem a produção de texto automatizado

A produção automatizada no jornalismo é vista de forma bastante negativa pela maioria dos entrevistados. Vários deles contaram histórias de reportagens marcantes, onde não seria possível passar ao leitor o necessário à percepção da situação de forma automática. Todos afirmam que a produção automatizada no jornalismo não servirá para textos de teor mais aprofundado, assim como aponta Bharat, D. (2023), quando diz que os artigos gerados por IA generativa possam vir a ser tendenciosos e carecerem do contexto e das sutilezas que apenas um escritor humano pode oferecer.

C.M: “Fiz uma reportagem sobre um grande incêndio, foi um trabalho complexo e minucioso, tínhamos que passar a lista das pessoas que morreram. Cruzamos dados e estabelecemos uma relação de confiança com os familiares. Foi um trabalho que me marcou durante muito tempo. A máquina jamais poderia passar ao leitor o que vivemos, uma relação de ser-humano para com outro ser-humano”.

P.B: “Se eu fizer uma reportagem em um cenário de guerra ou mesmo em um SPA, a máquina não vai sentir. A parte humana é interessante, aquilo que é experimentado, jamais será possível ser transmitido por IA. Para textos com informações cruas, que necessitem de rapidez, se calhar poderá ser útil, mas esse é o limite”.

V.N: “Eu acredito que o futuro do jornalismo é humanizar as reportagens, fazer mais uso de histórias pessoais. O New York Times por exemplo, investe nessas reportagens e ganha mais assinantes a cada ano. É a parte humana que faz a reportagem crescer”.

J.G: “Em toda reportagem sempre haverá a visão pessoal do jornalista, mesmo quando o texto é totalmente objetivo. Existe a subjetividade do que o jornalista apurou e existe uma curadoria do que é importante ou não. Eu não sei se a IA será capaz de ajudar nisso”.

F.G: “Há textos que não precisam de alma, apenas precisam de resultados rápidos, e nisso a IA pode colaborar muito, e liberar o jornalista para pôr alma, sapiência e arte naquilo que ele vai escrever”.

### **3. Como os jornalistas em Portugal veem o futuro da profissão**

Os jornalistas entrevistados veem o futuro da profissão com muitas incertezas e ressalvas. Todos disseram ser difícil prever para onde a profissão caminha, e foram unânimes em argumentar, assim como Noain-Sánchez, A. (2022) e Canavilhas, J. (2023), que o jornalista não poderá ser substituído pelas máquinas, por causa da análise dos fatos, da captação de histórias pessoais e da natureza humana do trabalho. Então, a maioria não vê a possibilidade de perda de função para as máquinas. Acreditam que como se deu ao longo da história, com outras tecnologias que surgiram, alguns empregos serão transformados, alguns serão perdidos e outros serão criados.

M.J: “Não há que ter medo. Quando surgiu a vitrola, a música ao-vivo não acabou, o mesmo quando surgiu o Spotify, ouve até uma vontade de reviver o som do vinil. Disseram que as bibliotecas acabariam com o surgimento da internet, e não foi o que aconteceu”.

A.R: “Ao longo do tempo a evolução tecnológica propiciou que determinadas profissões que antes eram mecânicas e feitas pelos seres-humanos passassem a serem feitas por máquinas e logicamente, essas profissões se tornaram obsoletas. Como tal, haverá uma evolução, algumas profissões tendem a acabar, outras serão criadas e algumas serão transformadas”.

J.G: “Eu não sei o que vai mudar, mas diria que empregos vão acabar, como dos jornalistas que trabalhavam em arquivos de pesquisas que serviam às redações, por exemplo, e acabaram quando surgiram os motores de busca da internet. Mas essa nova forma de aceder a conteúdos jornalísticos e não jornalísticos, gerou também uma infinita demanda de conteúdos segmentados, então, surgiram os jornalistas altamente especializados. Por enquanto, vejo a IA como ferramenta apenas, da mesma forma que passei a usar os motores de busca para minhas pesquisas e o telemóvel para ficar conectado às fontes”.

V.N: “A IA vai provocar uma revolução no nosso modo de vida, vai nos exigir repensar valores. No jornalismo vai ajudar muito, mas a boa informação sempre vai depender de um ser-humano. Uma informação bem apurada, verificada, com histórias, com criatividade, isso continuará a depender de nós”.

Os entrevistados não puderam de todo afirmar que não serão substituídos, porque a grande maioria tem receio dos modelos de negócios que serão feitos pelas organizações de notícias em torno da nova tecnologia, como também foi argumentado por Moravec, V., et. al. (2023), e porque sabem que o futuro do jornalismo depende hoje do que o leitor de notícias vai querer receber.

A.R: “Gostava que os sistemas de IA liberassem os jornalistas de tarefas maçantes, para ficarem mais ágeis e se aprofundarem melhor nos assuntos, mas temo que as pessoas do dinheiro não pensem assim”.

F.G: “Por acharem que a IA pode aliviar o trabalho do jornalista, os empregadores podem ser tentados a prescindir dele. O que não faz sentido. Nos ocupamos de muitas coisas mecânicas, mas nosso trabalho tem arte”.

J.G: “Antes existiam 3 fontes de receita no jornalismo: publicidade, assinatura e venda avulsa, nas bancas de jornal. Sobretudo por causa do *Google* e das redes sociais, o modelo baseado em publicidade acabou, os impressos também foram sendo substituídos, porque as pessoas escolheram receber as notícias em seus tablets e telemóveis. Sobrou a assinatura, mesmo assim, digital. Os jornais tentam fazer hoje um novo modelo de negócios baseado nas assinaturas digitais e alguma publicidade ligada a eventos, seminários e publicações especiais. Agora, o jornalista depende do leitor como nunca antes, e precisa ser muito útil para ele. Não sei quais os caminhos que as organizações vão tomar com a nova tecnologia”.

C.M: “A máquina não tira férias, não precisa de licença maternidade e não ganha décimo terceiro salário. É natural que as organizações possam preferir isso, mas acredito que a resposta virá do ponto de vista do recetor, é ele quem vai decidir que tipo de informação ele vai querer receber. Pode ser uma informação analisada, crítica, bem pensada, ou uma informação imediata, simples, apenas fátual. Ainda é cedo para dizer”.

C.R: “As novas tecnologias e os sistemas de IA entram como um fator de dificuldade ou facilidade na redação, dependendo das escolhas tomadas pela organização. Foi assim no passado quando passamos para o jornalismo digital, e acredito que será assim no futuro, com o uso de IA, mas não é porque a IA pode otimizar tecnicamente o trabalho que não vamos precisar da cabeça do jornalista a usar a ferramenta. Isso não há hipótese”.

A maioria dos jornalistas entrevistados acredita que, no futuro, humanos e máquinas poderão colaborar no jornalismo, como sugerem Peña-Fernández, S., et. al. (2023), embora com as ressalvas mencionadas anteriormente. De maneira semelhante, Moravec, V., et.al. (2023) destacam a necessidade de orientar os jornalistas no uso de novas tecnologias. Em linha com essa perspectiva, a maioria dos entrevistados deste estudo considera fundamental a formação sobre sistemas de IA, mesmo que não venham a utilizá-los diretamente. Alguns sugeriram que as universidades de jornalismo deveriam estabelecer parcerias com organizações de notícias para garantir que os jornalistas não apenas recebam uma formação adequada, mas também se mantenham atualizados sobre a evolução das tecnologias de IA.

P.B: “Acredito que os cursos de jornalismo devem sim formar os alunos em relação às novas tecnologias, mas também que os ajudem a pensar e a ter uma visão crítica do mundo. Não podemos também agora habituar as pessoas a só usarem a Inteligência Artificial, afinal, se não for possível usar a IA, será necessário recorrer a inteligência humana”.

M.M: “Acho que deveria haver parcerias entre as redações e o meio acadêmico, para que hajam formações não só por quem constrói as ferramentas, mas por quem as estuda, e estuda sobretudo seus problemas e limites éticos e morais. A academia é muito distante dos meios profissionais, acho que era uma boa oportunidade para aproximá-los”.

C.M: “As organizações devem se preocupar e capacitar os jornalistas, mas as Universidades ainda mais, como formadoras dos futuros jornalistas. Deveria existir uma área específica para debater a IA, quanto ao que já existe, o que possa existir, e suas consequências. Mas em meio a um mundo com tantos problemas imediatos, guerras, fome, parece que a IA ainda é muito abstrata, o que de fato já não é. Portanto, debates éticos quanto à regulamentação devem ser promovidos”.

Como indica Peña-Fernández, S., et.al. (2023) os jornalistas têm receio e desconfiança quanto ao uso das novas tecnologias, principalmente em relação ao respeito dos códigos deontológicos da profissão e outras questões éticas e morais que vão interferir na forma de produzir as notícias, e na maneira que as mesmas vão chegar ao público. Os jornalistas entrevistados expressaram as preocupações com essa responsabilidade, porque também percebem que são eles que de certa forma motivam o público a aceitar o uso de os sistemas de

IA, como refere Vicente, P.N. (2023). Mesmo assim, isso não interfere e não impossibilita que muitos prevejam a volta da valorização da profissão e do profissional no futuro, pois antevem que em um meio pouco confiável, o jornalismo pode voltar a ser talvez, a única fonte segura para a audiência.

C.M: “Se calhar, vai acontecer com a IA o que aconteceu em relação as informações livres na internet. Quando quiserem voltar atrás e impor balizas, já aquilo está disseminado e não há volta a dar. Mais uma vez, cabe ao homem tomar as rédeas do cuidado quanto a utilização. Mas que homens? Ou somos nós individualmente a rejeitar, ou somos nós individualmente a aderir com cautela, ou são as empresas a impor o uso? No fundo, acho que acaba sendo uma decisão mais individual, o que torna tudo mais complicado, portanto o futuro, olha, não sei”.

G.A: “Cada etapa da evolução deixa claro a importância do olhar do jornalista, das reportagens especiais, do furo, do conteúdo exclusivo e confiável que atraem leitores e geram credibilidade. Eu vejo o futuro como uma evolução que construímos diariamente. E, em muitos casos, ele já é presente”.

F.G: “O futuro é sempre mais orgânico do que aquilo que vemos nos filmes de ficção científica, uma mistura entre o novo e o velho. Eu acho que daqui a uns 10 anos todos os jornais estarão on-line e não vai haver mais publicações de jornal em papel. No início, acho que a tendência será dispensar a mão humana, mas vão haver falhas, problemas, e a IA será vista de outra forma. Mas precisamos nos adiantar aos problemas e ter inteligência para usar a IA, ou não tenho muitas esperanças no futuro”.

I.B: “É uma evolução. Tem coisas boas, outras nem tanto, mas é inevitável. O mais difícil será ir usando, experimentando e avaliando. Sempre ao pensar que há um preço a pagar e que muitos perderão seus empregos. Mas também, pode vir a mostrar que alguns trabalhos só poderão ser feitos por pessoas e que nenhuma máquina poderá substituí-las”.

## Conclusão

Os jornalistas dos media impressos em Portugal, estão mais uma vez tendo que lidar com o surgimento de novas tecnologias que transformam o processo de trabalho nas redações. Depois das maiores mudanças tecnológicas, por meio do uso de motores de busca na internet e do uso dos telemóveis e *smartphones*, os sistemas de IA estão a entrar nas redações cautelosamente. Ainda de modo individualizado, na maioria das redações portuguesas citadas, os jornalistas estão a fazer uso de sistemas de IA por curiosidade, sem incorporá-los em seus hábitos profissionais, salvo as ferramentas de transcrição de áudio para texto.

Embora os sistemas de transcrição sejam cada vez mais comuns, ainda apresentam erros e não são facilmente integrados ao cotidiano de alguns jornalistas. Isso se deve ao fato de que, devido ao seu modo de trabalho, muitos não veem essas ferramentas como realmente relevantes. As ferramentas de tradução, por outro lado, são utilizadas por alguns jornalistas para esclarecer o uso de expressões ou para tornar textos em outra língua mais fluidos. Outras ferramentas empregadas são a geração automática de legendas em vídeos e a geração automática de ilustrações. Os sistemas de IA menos utilizados são os *chatbots*. Os jornalistas mencionaram que os utilizam mais por curiosidade, para pesquisar e resumir assuntos, mas não os incorporaram em suas rotinas profissionais. As pesquisas ainda são predominantemente realizadas em motores de busca da internet. Segundo os jornalistas entrevistados, as pesquisas feitas em *chatbots* frequentemente apresentam cópias, erros e repetição de informações, o que as torna pouco confiáveis.

Portanto, a utilização de sistemas de IA para a redação de notícias é cercada de preocupações pelos jornalistas. As faltas de verificação e de pluralidade que os *chatsbots* apresentam, além das cópias e da repetição, são os maiores entraves para que os profissionais se sintam à vontade para criar textos com o uso de ferramentas de IA. Ainda assim, a maioria dos entrevistados acredita, que com a evolução e melhoria das ferramentas, notícias curtas, de qualquer editoria, poderão ser feitas no futuro pela nova tecnologia, de modo a levar para a

audiência informações cruas, somente com factos e sem análises. Já as reportagens e os textos mais aprofundados, que necessitam de análise e interpretação, deverão continuar a ser feitos por seres-humanos.

Salvo um entrevistado que não quis responder a maioria das questões, e nem mesmo foi citado, todos os outros dizem não conceber a possibilidade de os sistemas de IA virem a substituir os jornalistas, pois para uma reportagem ser bem feita, todos concordam que é preciso perceber o ambiente, além das pessoas, analisar os fatos, escrever com alguma subjetividade e fazer uma curadoria para o leitor. Isso máquina alguma poderá dar conta de fazer. No entanto, uma grande preocupação demonstrada pelos jornalistas, maior do que a perda de empregos, existe quanto a personalização da audiência e a formação de bolhas de pensamento, eventos consequentes do uso dos algoritmos, e que são antagônicos aos códigos de ética da profissão. Além disso, a insegurança dos sistemas, a criação de *deepfakes* e a polarização de ideias também deixam os jornalistas desconfiados e incapazes de salvaguardar às democracias no mundo.

Os jornalistas em Portugal estão a começar a ver as organizações de notícias se prepararem para aderir aos poucos aos sistemas de IA. A maioria dos jornalistas percebe uma falta de iniciativa por parte das empresas em oferecer ferramentas de IA para seus funcionários. Apenas algumas redações estão se destacando ao desenvolver ferramentas próprias, tanto para análise de audiência quanto para outras funções que atendem às suas necessidades específicas. Nos últimos meses, poucas organizações começaram a capacitar seus funcionários e a produzir manuais sobre a utilização dessas novas tecnologias. As organizações, em geral, afirmam que homem e máquina trabalharão em conjunto e dizem não prever substituir os profissionais por sistemas de IA. Os jornalistas não acreditam que serão substituídos por perceberem que o fazer jornalismo não é possível sem a supervisão humana, mas expressam receio em relação aos modelos de negócios que serão adotados pelas empresas de notícias.

Por fim, os jornalistas manifestam preocupação com o uso de sistemas de IA na sociedade, ressaltando a falta de debates adequados sobre as implicações éticas dessas tecnologias. Essa ausência de discussão ética também reflete uma carência de diálogo de ideias, já que a ética é vista como um fator fundamental para a promoção de debates. Os jornalistas expressaram apreensão em relação a precarização das profissões e à desvalorização do trabalho humano com o surgimento da IA, embora reconheçam que esses sistemas podem trazer contribuições significativas para o avanço das ciências. Além disso, a maioria dos jornalistas afirma que precisa de formação e atualização sobre a evolução dos sistemas de IA, não porque deseje adotá-los, mas porque entende que essas tecnologias serão cada vez mais integradas à sociedade.

Apesar de tantas preocupações e de um futuro incerto quanto a profissão, a maioria dos jornalistas entrevistados acredita que o jornalismo poderá vir a ser mais valorizado no futuro, caso a profissão se torne cada vez mais, a principal fonte de informação confiável para a audiência. Mas para que isso aconteça, percebe-se que os jornalistas precisam encontrar o ponto certo de uso das novas tecnologias, e tomar as rédeas da situação. Não temer a utilização, estar livre para experimentar, abrir canais de discussão e criar debates sobre a ética do uso dos sistemas de IA, não só no jornalismo como em outras profissões.

O jornalista deve conhecer esses sistemas mais profundamente, não apenas para que não venha a ser substituído, mas para continuar no controle das etapas de produção das notícias, além de poder ser uma fonte de instrução de como devem ser usadas as novas tecnologias. Mas o principal é que o profissional esteja no comando das novas tecnologias e nunca a serem comandados por elas, ou por empresas de tecnologia da informação. Ao jornalista compete continuar a cuidar da transparência, da liberdade de expressão e da responsabilidade quanto a informação. Os autores destacam que para atrair o público os toques de emoção e criatividade somente poderão ser dados por humanos, logo, o jornalista deve usar os sistemas de IA como complementares ao seu trabalho diário.

As organizações de notícias devem continuar a servir a população, valorizar e capacitar seus funcionários para que estes possam continuar a fazer jornalismo de acordo com os códigos deontológicos da profissão, ao usarem os sistemas de IA. É importante que seja regulamentado o uso das novas tecnologias para que o jornalismo continue a ser pautado pela verdade e para que existam garantias de que o trabalho será feito com ética em todas as etapas do processo e por todos os envolvidos. As organizações de notícias devem motivar ao debate quanto a utilização de sistemas de IA e cuidar para que o direcionamento do conteúdo não se torne tendencioso na busca de atingir a audiência.

Como a previsão é de uma forma híbrida de trabalho entre os jornalistas e as máquinas, as Universidades também devem formar os estudantes de jornalismo na utilização dos sistemas de IA, desde o bacharelado, visando a desmistificação desses sistemas e não apenas o uso técnico, mas ético da IA.

## **Bibliografia**

Araújo, M. (2019). Novas tecnologias e dilemas morais. KDP.

Baranauskas, M. C., & Valente, J. A. Inteligência artificial, educação e responsabilidade social. UNICAMP.

Barcelos, M. (2023). Humanos digitais no jornalismo: Prospecções futuras a partir de avatares gerados por inteligência artificial (IA). SBPJor 2023.

Bharati, D. (2023). Does artificial intelligence help journalists: A boon or bane? Preprints.

Brennen, J. S., Howard, P. N., & Nielsen, R. K. (2022). What to expect when you're expecting robots: Futures, expectations, and pseudo-artificial general intelligence in UK news. SageJournals.

Canavilhas, J. (2022). Inteligencia artificial aplicada al periodismo: Traducción automática y recomendación de contenidos en el proyecto "A European Perspective" (UER). Revista Latina de Comunicación Social, 80, 1-13.

Canavilhas, J. (2023). Produção automática de texto jornalístico com IA: Contributo para uma história. Textualvisualmedia.com.

Christofoletti, R. (2019). A crise do jornalismo tem solução? Estação das Letras e Cores.

De-Lara, A., García-Avilés, J. A., & Arias-Robies, F. (2022). Implantación de la inteligencia artificial en los medios españoles: Análisis de las percepciones de los profesionales. Textualvisualmedia.com.

- De-Lima-Santos, M. F., & Ceron, W. (2021). Artificial intelligence in news media: Current perceptions and future outlook. *Journalism and Media*.
- Deuze, M., & Beckett, C. (2022). Imagination, algorithms and news: Developing AI literacy for journalism. *Digital Journalism*.
- Díaz-Noci, J. (2020). The crisis, the people and the media: How digital public opinion debates on income inequality. Universidade da Coruña.
- Diakopoulos, N. (2019). Automating the news: How algorithms are rewriting the media. Harvard University Press.
- Dias-Trindade, S., & Vicente, P. N. (2021). Reframing sociotechnical imaginaries: The case of the Fourth Industrial Revolution. *Sage Journals*.
- Gorzoni, P. (2019). Inteligência artificial: Riscos para direitos humanos e possíveis ações. ITS Rio.
- Helberger, N. (2019). On the democratic role of news recommenders. *Digital Journalism*.
- Journalism, A. I., & NWS, V. The London school of Economics and Political science. (2019). Introduction to Machine Learning. *Google News Initiative Training Center*.
- Kaufman, D. (2018). Deep learning: A inteligência artificial que domina a vida do século XXI. *Revista Digital de Tecnologias Cognitivas*.
- Manfredi-Sánchez, J., & Ufarte-Ruiz, M. J. (2020). Inteligência artificial e jornalismo: Uma ferramenta contra a desinformação. *CIDOB*.
- Mello, M., & Oliveira, L. (2022). Inteligência artificial, trabalho e sustentabilidade:

Perspectivas e desafios. VII Congresso Internacional de Direitos Humanos de Coimbra.

- Moraes, F., & Gouveia, D. (2018). Para além do robô, a reportagem: Pavimentando uma metodologia do jornalismo de subjetividade. *Academia.edu*.
- Moran, R., & Shaikih, S. (2022). Robots in the news and newsrooms: Unpacking meta-journalistic discourse on the use of artificial intelligence in journalism. *Digital Journalism*.
- Moravec, V., Hynek, N., Skare, M., Gavurova, B., & Kubak, M. (2024). Human or machine? The perception of artificial intelligence in journalism, its socio-economic conditions, and technological developments toward the digital future. *Technological Forecasting & Social Change*.
- Noain-Sánchez, A. (2022). Addressing the impact of artificial intelligence on journalism: The perception of experts, journalists and academics. *Communication & Society*.
- Oliveira, L. J., & Mello, M. (2023). Inteligência artificial, trabalho e sustentabilidade: Perspectivas e desafios. *Anais de Artigos Completos do VII CIDH Coimbra*.
- Parks, P. (2021). Joy is a news value. *Journalism Studies*.
- Parzianello, G. L. (2013). As quatro crises do jornalismo impresso. *PUCRS*.
- Peña-Fernández, S., Meso-Ayerdi, K., Larrondo-Ureta, A., & Díaz-Noci, J. (2023). Without journalists, there is no journalism: The social dimension of generative artificial intelligence in the media. *Profesional de la Información*.
- Pérez-Seijo, S., Barbosa, S., & Vicente, P. N. (2023). Artificial intelligence in journalism: Case study of the Spanish, Portuguese and Brazilian news media systems. *Academia.edu*.

- Piteira, M., Aparicio, M., & Costa, C. (2019). A ética na inteligência artificial: Desafios. ISCTE.
- Pihlajarinne, T., & Alén-Savikko, A. (2022). Artificial intelligence and the media: Reconsidering rights and responsibilities.
- Quandt, N. E., Sant'Anna, R., Winques, K., & Máximo, M. E. (2021). Análise de apurações jornalísticas feitas com o uso de inteligência artificial. *Redes-Revista Interdisciplinar do IELUSC*.
- Russell, S., & Norvig, P. (2009). *Artificial intelligence: A modern approach*. ResearchGate.
- Setzer, V. W. (2021). IA – Inteligência artificial ou imbecilidade automática? As máquinas podem pensar e sentir? Editora Biblioteca 24 Horas.
- Silva, F. (2023). Impactos da inteligência artificial no jornalismo. UEPG.
- Soares, M. (2023). Impacto do Chat GPT na sociedade. *Revista Técnica de Tendências em Comunicação Empresarial, ISCAP Politécnico do Porto*.
- Tejedor, S., & Vila, P. (2021). Exo journalism: A conceptual approach a hybrid formula between journalism and artificial intelligence. UAB Barcelona.
- Túñez-López, M., Toural-Bran, C., & Cacheiro-Requeijo, P. (2018). Uso de bots y algoritmos para automatizar la redacción de noticias: Percepción y actitudes de los periodistas en España. *Profesional de la Información*.
- Van den Bulck, H., & Moe, H. (2017). Public service media, universality and personalization through algorithms: Mapping strategies and exploring dilemmas. *Sage Journals*.

Vicente, P. N. (2023). AI in Portugal: News framing, tone, and sources. UNL.pt.

Vicente, P. N., & Flores, A. M. (2020). Inteligência artificial e jornalismo: Temas emergentes (2015-2020). iNOVA Media Lab/ICNOVA.

Ufarte-Ruiz, M. J., Murcia-Verdú, F. J., & Túnnez-López, J. M. (2023). Use of artificial intelligence in synthetic media: First newsrooms without journalists. Profesional de la Información.